

Bom dia, Manuela

*contos tecidos
entre amor
e paternidade*

Tiago Eugenio

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2024

Parte 1

Amor de pai no Brasil



1

O CONTO DO DESPERTAR

*A cada amanhecer, nascemos de novo.
O que fazemos hoje é o que mais importa*
Buda

Em uma rua pitoresca de São Paulo, onde os espigões parecem sair de um quadro impressionista e até os passarinhos cantam Taylor Swift, moro em um condomínio na Rua dos Sabiás. Toda manhã, religiosamente às 4:32, antes mesmo do padeiro da esquina começar a amassar seu pão, eu acordava. Não por insônia, nem por trabalho. Era por amor. Era para enviar meu “Bom dia, Manuela”.

Na sala do meu apartamento, que mais parece uma sala de videogames retrô, eu começo minha rotina. Entre um dispositivo Echo, da Amazon e um monitor gigante de computador, mais parecido com uma tela de cinema achatada, juro por Deus, eu escrevia minha carta. Depois, anexava-a a um balão e a soltava para o céu.

Você deve estar se perguntando: por que um balão? Descubri em um jogo de videogame, que esqueci o nome, um segredo: balões são como portais mágicos. Eles conseguem atravessar a barreira do nosso mundo e alcançar as terras

mais distantes. E era justamente em um desses pedaços de chão que minha querida Manuela se encontrava.

Nesse mundo distinto, imagine por um momento, onde os peixes do mar flutuavam em um céu ensolarado e as estrelas, embora ainda brilhassem, pareciam solitárias, perdidas em um vasto manto de nuvens em formação. Nesse lugar, Manuela não chegou por escolha própria. Era como se ela tivesse sido levada por uma brisa misteriosa, arrancada de um mundo colorido e colocada em um cenário onde os contornos da realidade eram mais difusos e evanescentes.

Eu sabia que não podia simplesmente pegar um Uber e encontrar com a Manuela. Mas meu coração, minha voz e, principalmente, minha saudade podiam viajar naqueles balões. Toda manhã, no meu ritual diário de saudade, lembrava-me dos muçulmanos, que se direcionam a Meca para suas orações. Inspirado por esse gesto de devoção e fé, eu me dirigia à sacada do apartamento que ela nasceu e cresceu. Olhava para o horizonte, tentando sentir, com uma estranha intuição, em que direção Manuela estaria naquele mundo distante. E então, fechando os olhos, com o peito cheio de esperança e a voz carregada de amor, eu sussurrava para o vento: “Bom dia, Manuela”.

Era um momento de conexão, uma ponte invisível que fui construindo através do tempo e do espaço. Mesmo que ela não pudesse me ouvir diretamente, sentia que de alguma forma, em algum nível, minha mensagem a alcançava.

Eu sabia que não podia ir até Manuela. Não fisicamente. Mas sua voz, seu amor e sua saudade podiam viajar nesses

balões mágicos de pensamentos. Cada mensagem que eles enviavam era uma promessa: “Não importa onde você esteja, o papai está aqui pensando em você”.

Após meu ritual, a saudade, essa danada, vinha com tudo. Era como um elefante decidindo se sentar no meu peito. Ou talvez um hipopótamo, não consigo decidir qual dos dois é mais pesado. De qualquer forma, aquela sensação de falta me puxava de volta para a cama, como se ela fosse uma imensa mão magnética e eu, um relutante clipe de papel.

E lá estava eu, mergulhando sob as cobertas como um agente secreto tentando se esconder de espiões inimigos, chamados Lembranças e Saudade. Bem, pelo menos a tristeza não conseguia me pegar sob os lençóis. E entre uma reviravolta e outra, tentando achar a posição perfeita para um cochilo estratégico, eu sussurrava mais uma vez, quase como uma senha secreta: “Bom dia, Manuela”.

E pensando bem, quem precisa de café quando tem saudade para te acordar? Ah, nunca fui fã. Prefiro um cappuccino bem quentinho. Mas ainda assim, todos os dias, me forçava a levantar, buscar aquelas bengalinhas que compro na padaria, passar um pouco de manteiga nelas e ligar a cafeteira elétrica. O aroma daquela bebida quente dava uma sensação de normalidade, de rotina.

A vida, essa professora astuta, ensina-nos muitas vezes através da dor. São as facadas inesperadas, as rasteiras que nos pegam de surpresa e nos derrubam. No entanto, são exatamente esses golpes que marcam os nossos maiores pontos de inflexão, os momentos em que realmente aprendemos.

A felicidade, por outro lado, é como um benzodiazepínico: um sedativo que pode nos deixar um pouco anestesiados perante as oscilações e surpresas da vida. Com ela, surfamos nas ondas, deslizando com facilidade e graça. Já a tristeza, essa nos faz mergulhar, enfrentar as correntes e o peso do oceano, aprender a resistir e a encontrar força nas profundezas

Ah, dentro das profundezas, onde as criaturas misteriosas se deslizam, muitas vezes de forma silenciosa, eu encontrava um lugar especial para o meu “Bom dia, Manuela”. As bolhas de oxigênio que subiam eram, na verdade a voz de esperança para que ela pudesse me ouvir – caso ela estivesse mergulhada no seu soninho da madrugada.

4 DE JULHO

Deixe-me explicar. Depois do 4 de julho, o dia do meu aniversário, algo em mim mudou. Era como se eu tivesse sido envolvido por uma névoa luminosa, uma espécie de portal que me levou para outra dimensão da existência. Se antes o meu “Bom dia” era emitido da superfície para uma plateia que me acompanhava no Instagram por questões profissionais, fluando como uma folha à deriva, agora ele tinha raízes, profundidade. Ele atravessava as camadas do mar, deslizando por corais e grutas, até chegar ao núcleo do meu ser. Era um cumprimento que não era apenas ouvido, mas sentido em cada fibra, em cada batida do coração.

Ah, Manuela... Ela sempre morou aqui em São Paulo, sabem? E, meu Deus, como era um espetáculo vê-la acordar todas as manhãs! Algumas crianças parecem que levam séculos para realmente despertar, esfregando os olhos, bocejando como pequenos ursos que acabaram de sair da hibernação. Mas não Manuela. A menina acordava como se estivesse sempre pronta para um close-up de cinema!

É impressionante! Ela simplesmente esticava seus bracinhos no berço como se estivesse ensaiando para uma carreira de ginasta olímpica. E com um pequeno auxílio do bom e velho colo (um veículo imprescindível para os pequenos), ela já estava fora dali e corria pela casa. E, falando nisso, quando

E-mail: *tiagoeugenio20@gmail.com*

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em janeiro de 2024.
